

A EDUCAÇÃO INFANTIL E A CONTRIBUIÇÃO DAS ARTES



JOICE BOTELHO SILVA

Graduação em licenciatura Artes Visuais pela faculdade Mozarteum de São Paulo (2020); Graduação em Pedagogia na UNIABC, Universidade do Grande ABC (2013). Professora na rede municipal de São Paulo.

RESUMO

Este artigo tem como foco principal pesquisar, analisar e refletir sobre quais são as diferentes formas de arte que estão presentes no cotidiano dos estudantes e de que maneira as atividades lúdicas vivenciadas a partir da escola podem ser descobertas na dimensão da concepção artística, procura também analisar como a arte é trabalhada nas escolas, de modo que deixe os professores um olhar diferenciado para suas atividades aplicadas em sala de aula, sendo que a arte não está limitada a sua disciplina, permeia todas as demais áreas e engloba toda à área cognitiva, social e psicológica das crianças. Este artigo utilizou como fontes de pesquisa os documentos oficiais que norteiam a construção dos currículos escolares. Sob esta ótica, foram, foram considerados o Referencial Curricular da Educação Infantil (BRASIL, 1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 1997), como referenciais teóricos foram consultados diferentes autores que discutem a Arte no âmbito educacional. Este estudo mostra que a Arte possui objetivos claros e significativos para a educação das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Analisar; Arte; Criança; Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Neste artigo foi usado como proposta metodológica a pesquisa bibliográfica. O principal objetivo da arte na educação é desenvolver o indivíduo criativo e reflexivo e que possa relacionar-se como pessoa.

A cada dia o comportamento infantil é marcado pelas referências e imagens cedidas das mais diferentes fontes. O fantasioso faz parte da vida moderna e está em todo lugar. A criança é

submetida a uma bagagem cultural subentendida que atravessa toda a sociedade.

Os desenhos infantis, histórias em quadrinhos, propagandas, embalagens são reproduções que viram quase realidades. Os professores precisam compreender que a arte engloba todo um contexto social. Um novo ponto de vista e um formato metodológico a ser utilizado nas aulas.

Existe uma falha de consciência sobre os sentidos que os conteúdos e experiências artísticas podem adquirir na escola. Apreciar a arte na educação significaria ressaltar as atividades de análise de obras de artes facilitando uma alfabetização visual. É por isso, que trabalhar com arte aponta averiguar as práticas pedagógicas e ela, pode se intrometer na compreensão e no desenvolvimento infantil.

A arte hoje em dia não é vista como componente curricular, sob a perspectiva do aluno é oferecida como uma recreação. A arte é uma das maneiras com que podemos imaginar todas as transformações históricas da humanidade, com suas particularidades específicas, e é por meio desse conhecimento que o aluno aprimora a sensibilidade, esperteza e a imaginação, tanto para realizar como para observar uma obra artística.

O objetivo principal da arte na educação é aperfeiçoar o ser criativo e reflexivo que possa se incluir como pessoa. A arte transpassa nossas vidas, nos anima a conversar com o mundo, nos deixa pensar sobre nós mesmos, ensina a criança a apreciar o trabalho do outro, respeitando assim a pluralidade cultural.

A criança na educação infantil necessita ser instigada para que ela conquiste novos saberes e aproprie de seu conhecimento. É importante que o educador ofereça obras de arte de diferentes artistas e movimentos da história da arte, porém sempre permitindo a criança criar a sua própria obra.

Estamos em uma sociedade que exige das pessoas cada dia mais preparo e conhecimento, sendo assim, cabe a nós educadores, oferecer oportunidades para desenvolver as artes visuais nas nossas escolas e dar as crianças possibilidades de se desenvolverem e que possam aprender a habituar-se ativamente em sociedade.

Portanto, é imprescindível dar espaço para a discussão deste tema, pois acredita-se a partir de da leitura de diferentes autores, que pessoas que desfrutam da arte de uma forma prazerosa e com atributos, tem mais facilidade em expressar suas emoções e automaticamente vivem melhores.

A arte modifica e abre novas portas na vida da criança. Admirar as produções infantis é valorizar o ser humano em seu desenvolvimento. No que diz respeito à metodologia, este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica.

Lucke e André (1986) esclarecem que a pesquisa qualitativa tem como características básicas o ambiente natural como fonte de dados, sendo o pesquisador seu principal instrumento. Em uma pesquisa qualitativa prevalecem os dados descritivos. A atenção volta-se muito mais para o processo do que para o resultado.

ARTE: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

A importância do contato com a Arte desde cedo na vida do indivíduo é lembrada por Ferraz (1993) quando ele ressalta que o ensino de Arte na escola deve ganhar uma atenção especial desde a oferta na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, partindo da explicitação do que se seja Arte e do simples fato de sua presença nestas etapas de ensino.

A arte é uma linguagem agradável, divertida e muito importante no desenvolvimento das crianças, sobretudo na Educação Infantil, por se tratar de um momento que merece um cuidado especial por parte do seu meio de convívio sobretudo pela escola, pois é nesta fase que desenvolvem aspectos físicos, emocionais e sociais, que podem de qualquer jeito modificar as crianças em pessoas mais afetuosas para o mundo ao seu redor.

Em relação à Educação Infantil, o trabalho com Arte sempre esteve presente nas instituições como se esta área de conhecimento fosse natural do desenvolvimento das crianças nesta etapa da vida.

Desde que os cuidados com crianças passaram do seio familiar para pessoas cuidadoras ou instituições educativas, a Arte marcou presença nestes ambientes manifestando-se nos desenhos, cantorias, esculturas com argila, pinturas das crianças etc., por meio tanto de atividades para passar o tempo nos momentos de espera dentro da rotina da instituição como na confecção de ornamentos para uma ocasião especial, no reforço de algum conteúdo de outra área do conhecimento ou mesmo como livre expressão da criança.

Entretanto, temos claro que o papel do educador, ou do espaço da Arte nas instituições que atendem as crianças de 0 a 5 anos de idade, não é o de apresentar para elas a Arte como fragmentos de uma cultura, mas sim o de trabalhar de forma a ampliar a percepção, desenvolvendo o pensamento da criança sobre o mundo, sobre si própria e estimulando nela as expressões de linguagens mais variadas.

Ao definir arte precisamos estar cautelosos da compreensão de seu significado, é um conceito muito particular e varia de acordo com a desigualdade cultural, período histórico ou até mesmo o indivíduo em questão, de acordo com as necessidades de cada cultura. Não é um conceito simples e ao longo dos anos, diversos artistas, pensadores e críticos de artes se destinam na busca de tal significado.

De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, a palavra arte é anunciada em duas de suas definições como “atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito, de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação”...; “a capacidade criadora do artista de expressar ou transmitir tais sensações ou sentimentos...”. Ainda de acordo com Bueno (1986) arte é:

Conjunto de preceitos para a perfeita execução de qualquer coisa. Artifício, ofício, profissão; indústria; astúcia; habilidade; travessura; magia; feitiçaria; [...] complexo de regras e processos para a produção de um efeito estético determinado. (BUENO, 1986, p.37)

A arte está presente na história da humanidade, desde o seu início e em praticamente todas as manifestações culturais, as informações e descobertas alcançadas vão sendo acontecendo de geração a geração, independentemente de se fazer parte de um ensino formal ou não, portanto de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais a Arte tem um papel tão importante quanto a dos outros conhecimentos na ação.

Em cada sociedade tem um modo de se ver a arte, como por exemplo, em sociedades indígenas podemos notá-la no seu dia a dia por meio de suas roupas, pinturas, artefatos etc.

A arte só foi reconhecida no séc. XX como um componente que adapta experiência de conhecimento (Azevedo Júnior, 2007). De acordo com Fischer (1983), o homem só se tornou homem por meio do conhecimento que a arte proporciona, pois é por meio do emprego deste conhecimento que ele faz seus instrumentos para poder consentir suas obrigações.

O ensino e a aprendizagem da arte fazem parte do componente, “(...) de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos.” (BRASIL, 1997, p. 20).

Não se nasce sabendo, a aprendizagem é um processo natural, o homem nasce, vive e cresce continuamente aprendendo e se educando, esse exercício simples – conhecimento de mundo - em muito colabora no processo ensino-aprendizagem formal instituído nas escolas de ensino básico.

A arte produzida pelos artistas e o emprego da arte na escola são objetos de estudos diferenciados, apesar estejam intimamente entrelaçados. Partindo do que estabelece os Parâmetros Curriculares, a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

O ENSINO DA ARTE NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO

A história do Ensino de Arte no Brasil começa com os Padres Jesuítas em processos informais pelas oficinas de artesões. Era o uso das técnicas artísticas como instrumento pedagógico para a catequese dos povos indígenas.

Com a presença da Família Imperial Portuguesa no Brasil, começa o ensino formal das artes com a inauguração da Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, sob a tutela da Missão Artística Francesa. Predominava o ensino do exercício do desenho dos modelos vivos, da estamparia e a produção de retratos, sempre satisfazendo a um conjunto de regras duramente técnicas.

O acesso ao estudo das artes era aceito apenas uma pequena parcela da elite. Sobretudo na década de 1870 o ensino de arte voltou-se apenas para o desenvolvimento de desenhistas.

A Proclamação da República (1889) dá lugar as modificações sociais, políticas e econômicas no cenário brasileiro e a educação passa a ser um campo estratégico de efetivação dessas transformações aos olhos dos liberais e dos positivistas.

O ensino de arte concentra-se no desenho como linguagem da técnica e da ciência, contempladas como meio de redenção econômica do país e da classe obreira, que engrossara suas fileiras como recém-libertos. (BARBOSA, 2002 p. 30).

A partir dos anos 1920 o ensino de arte foi incluído no currículo escolar como atividade de apoio a outras disciplinas escolares, contudo, aproveitou-se o exercício das cópias.

O ano de 1922, tornou-se o marco transformador do ensino de arte na escola com a Semana de Arte Moderna que alegava o ideal da livre expressão recomendado por Mário de Andrade e Anita Malfatti. Essa opinião modificava a atividade de arte em expressão dos sentimentos da criança, a arte não necessitava ser ensinada, mas anunciada livremente pelos alunos.

Em 1948, Augusto Rodrigues, Margaret Spencer e Lucia Valentim fundaram no Rio de Janeiro a Escolinha de Arte do Brasil – EAB, que em seguida seria transformado no Movimento de Escolinhas de Arte – MEA, um conjunto de 140 escolinhas de arte desenvolvido por todo o território nacional e se ampliando para as cidades de Assunção/Paraguai, Lisboa/Portugal e Buenos Aires e Rosário/Argentina. (AZEVEDO, 2000, p. 25).

O Movimento de Escolinhas de Arte tinha a proposta de educar por meio da arte. Nos anos 1950/60 o desenho continua como conteúdo, mas são adicionadas ao currículo escolar o canto orfeônico, a música e os trabalhos manuais tendo como metodologia a difusão de conteúdo a serem reproduzidos, adequados da pedagogia tradicional.

O Brasil ainda passou nas décadas de 50, 60 e início da década de 70, pela fase da Pedagogia Nova, que tinha como destaque a livre expressão e a espontaneidade e pela Pedagogia Tecnicista, onde o aluno e o professor tinham um papel secundário, tendo como elemento básico, o sistema técnico de organização.

Neste período, nas aulas de Arte, os professores ressaltavam um saber, um edificar diminuído dos aspectos técnicos e do uso diversificado de materiais, distinguindo pouco compromisso com o conhecimento da linguagem artística.

Em 1971, iniciou-se uma Pedagogia Libertadora, graças aos ideais do grande educador Paulo Freire, que era voltada para um aspecto de consciência crítica da sociedade. A Arte foi compreendida no currículo escolar, desde 1971, com o nome de Educação Artística, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ainda como atividade educativa e não como disciplina, sofrendo em 1988, a intimidação de ser recusada do currículo, a partir das discussões sobre a Nova Lei de Diretrizes e Bases:

...convictos da importância de acesso escolar dos alunos de ensino básico também à área de Arte, houve manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a uma das versões da referida lei, que retirava a obrigatoriedade da área. (LDB, 1996, p.153)

Por não ser considerada uma disciplina, a Educação Artística não tinha a capacidade de reprovar nenhum aluno e fazia com que os mesmos não tivessem interesse pela mesma, fazendo com que ela fosse vista como aulinha de desenho e o professor visto como organizador de festas e eventos na escola.

A Lei 5692/71, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de arte na escola com a marca de Educação Artística, tinha como embasamento dar ao currículo um caráter humanista.

Durante toda a vigência da Lei 5692/71 as aulas de educação artística foram ministradas por professores de outras áreas de ensino, sem o devido conhecimento que o ensino de arte exige e desprovidos de quaisquer aparatos de uma matriz teórica que fundamentasse suas práticas. Era a concepção de arte como atividade.

Essa concepção teve sua trajetória fundamentada no fazer artístico devido à falta de conteúdos, o que conseqüentemente banuiu o ensino da arte a um lugar de inferioridade perante as demais disciplinas escolares.

Os anos de 1980 foi repleto de discussões a respeito dos novos rumos que seriam tomados no cenário educacional brasileiro, permanecendo o ensino de arte como um dos pontos de culminância dos arte-educadores do país que elevaram uma luta política e epistemológica em favor do ensino de arte na escola.

A obrigatoriedade do ensino de artes enquanto disciplina do currículo escolar é conquistada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, em seu Artigo 22 - § 2º O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Para guiar as bases curriculares dessa modalidade de ensino, o Ministério da Educação e Cultura – MEC elaborou e anunciou amplamente os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997) que em sua introdução dá destaque ao papel e lugar da disciplina ao dizer: Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino aprendizagem.

A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades. Didaticamente, o ensino de arte no Brasil é composto por três grandes concepções: Ensino de Arte Pré-Modernista, Ensino de Arte Modernista e Ensino de Arte Pós-Modernista ou Pós-Moderno.

De acordo com Ana Mae Barbosa, o Modernismo no Brasil é que batiza as outras tendências da Arte-Educação, valendo-se dos prefixos latinos pré e pós para nomear os períodos passados e futuros. Na realidade, nossa primeira grande renovação metodológica no campo da Arte-Educação se deve ao movimento de Arte Moderna de 1922. (BARBOSA, 2002. P. 44).

A Tendência Pré-Modernista se diferencia em (1) Concepção de Ensino da Arte como técnica; na Tendência Modernista, (2) Concepção de Ensino da Arte como Expressão e como Atividade; e na Tendência Pós-Modernista, (3) Concepção de Ensino da Arte como Conhecimento.

Na atualidade, há uma busca pelos conhecimentos pertinentes a aprendizagem dos conhecimentos artísticos, a partir da inter-relação entre o fazer, o ler e o contextualizar arte. De acordo

com o Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte:

Ao fazer e conhecer o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolve potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e também contribuem inegavelmente para a sua apreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo. (PCN Artes, 1997, p. 44).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte guiam como conteúdos gerais de Arte, as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança num conjunto que solicite a formação artística e estética do aluno. O documento não determina quais modalidades artísticas devem ser trabalhadas a cada ciclo de ensino, apenas oferece condições – orientações didáticas, para que as escolas determinem seus projetos curriculares.

Os conteúdos da área de Arte devem estar relacionados de tal maneira que possam sedimentar a aprendizagem artística dos alunos do ensino fundamental. Tal aprendizagem diz respeito à possibilidade de os alunos desenvolverem um processo contínuo e cada vez mais complexo no domínio do conhecimento artístico e estético, seja no exercício do seu próprio processo criador, por meio das formas artísticas, seja no contato com obras de arte e com outras formas presentes nas culturas ou na natureza. (PCN Artes, 1997, p.55).

Os conteúdos de Arte estão articulados em três eixos norteadores de aprendizagem: a produção, a fruição e a reflexão.

- Produção refere-se ao fazer artístico;
- Fruição refere-se à apreciação do universo relacionado a arte;
- Reflexão refere-se ao conhecimento construído pelo próprio aluno sobre sua produção, a produção dos colegas e as artes como produto histórico.

De acordo com Ferraz et al. (1993), nas aulas de Arte devem ser trabalhados o mundo do educando, propiciando-lhes contato com as obras de arte, desenvolvendo atividades onde o mesmo possa conhecer novas situações, podendo abranger e assimilar mais prontamente o mundo cultural e estético e que incumbe ao professor um ininterrupto trabalho de verificação e acompanhamento em seus processos de organizar, assimilar e expressar os novos conhecimentos de arte e de educação escolar dos principiantes em Arte, ao longo do curso, e que a avaliação deve estar situada em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Hoje em dia o ensino de Arte está voltado para as linguagens de Música, Dança, Teatro (Artes Cênicas) e Artes Plásticas. Em 2008, com a aprovação da Lei Federal nº 11.769, o ensino de música passou a ser obrigatório, devendo ser ministrado por professor com licenciatura plena em Música, tendo os sistemas de ensino, três anos para se amoldarem às mudanças.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE

A arte tem uma função primordial na vida das pessoas e na sociedade desde o início da civilização e se manifesta por meio da criatividade dos seres humanos para se interagirem e conhecerem o mundo em que vivem. Tanto os seres da natureza quanto os objetos culturais produzidos por mãos humanas despertam diversas emoções nos indivíduos.

A partir do momento em que nascemos demonstramos nosso gosto por músicas, cores, formas, objetos, movimentos e, com a maturidade, lapidamos nosso jeito de gostar, julgar, fazer e, até mesmo, vamos nos auto educando a partir da convivência com outras pessoas.

É por meio da música, poesia, fala, sons, cores e formas que compreendemos determinados ambientes, pois cada país e lugar tem sua própria cultura e nada melhor que a arte para representá-la.

E por meio do ensino da arte que formamos cidadãos mais críticos e criativos que possam agir para o progresso da cultura do nosso país. De acordo com Ferraz e Fusari (1999, p.19), “É na escola que oferecemos a oportunidade para que as crianças possam vivenciar e entender o processo artístico e sua história em cursos especialmente destinados para esses estudos”.

O que é proposto no ensino de arte na Educação Infantil é o de não desenvolver artistas abrangendo o “certo ou errado”, mas o de abrir os olhos as capacidades de ver, analisar, reconhecer, refletir, compreender, ponderar, interpretar.

Dessa forma, podemos ajudar a criança a incluir o mundo e a estabelecer o conhecimento, isto é, expandir os conhecimentos já adquiridos e propiciar que ela invente suas próprias produções, partindo de sua experiência pessoal, propondo temas, processos e materiais.

Os componentes do processo artístico (artistas, obras, público, comunicação) e as histórias de suas relações podem tornar-se fontes instigantes para a organização e desdobramentos dos tópicos de conteúdos programáticos escolares, tanto no que se refere ao fazer como também ao pensar arte pelos estudantes. Os conteúdos programáticos em arte devem incluir, portanto: as noções a respeito da arte produzida e em produção pela humanidade, inclusive nos dias de hoje e a própria autoria artística e estética de cada aluno (em formas visuais, sonoras, verbais, corporais cênicas, audiovisuais). Isto significa trabalhar com os estudantes o fazer artístico (em desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, música, dança, teatro, vídeo) sempre articulando e complementando com as vivências e apreciações estéticas da ambiência cultural. (FERRAZ E FUSARI, 1999, p. 20).

A música, o desenho, a pintura e o teatro são maneiras que o homem achou para se expressar no mundo e isso também faz parte da vida das crianças que ganham influência de pais, professores e do meio em que convivem.

Se os adultos estimularem essa produção proporcionando materiais, espaço e tempo, essa criança pode, cada vez mais, ampliar sua criatividade, sua criticidade e sua curiosidade. Entretanto, se ela não receber nenhum estímulo dos adultos em suas obras, poderá ter, aos poucos, sua competência de concepção e imaginação diminuídas e almejará copiar algo que se semelhe com o real.

Como não tem amadurecimento e destreza para isso, seu trabalho não será igual à realidade e, compreendendo que não sabe fazer, aos poucos diminui a criatividade e expressividade, se prendendo a modelos existentes e estereotipados. Depende dos educadores inventar para que a criança não perca sua espontaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da escola em relação à arte é, junto com o professor, ampliar e aperfeiçoar os saberes dos alunos. Entretanto, para aprimorar as suas aulas, o professor deve reconhecer as noções artísticas e estéticas de seus alunos e saber como auxiliá-los em suas produções.

A criança, muitas vezes se vê cercada por modelos presentes na mídia, porém cabe ao professor fazer com que a criança aprimore seu lado crítico. Quanto mais o aluno tiver contato com obras artísticas, seja por meio da música, teatro, dança, ou artes visuais, maior será sua percepção sensível, memória significativa, imaginação criadora e poderá ter maior consciência de si e do mundo que o cerca.

O papel da escola na educação infantil é mostrar para as crianças o mundo da arte, pois é fazendo arte que podemos expressar quem somos, como nos sentimos e como pensamos.

Por muito tempo, a escola entendeu a Arte de um modo geral é mais um recurso de expressão e comunicação de sentimentos e do conhecimento relacionado às outras áreas. Pois possibilita a expressão e como técnica, permite a construção de habilidades motoras que servem para desenvolver outras formas de representação que não seja apenas a escrita.

As variações na Arte e as modificações na visão da Educação travaram, ao longo do tempo, definições que se articulam, no que hoje chamamos de Arte-conhecimento na escola.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística**, São Paulo, Cultrix, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. **Referenciais Curriculares para a Educação Infantil**. Vol. 3, Ministério da Educação ± Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. BRASIL, Lei Darcy Ribeiro (1996). **LDB: Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394, de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; e legislação correlata**. 2. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados. Coordenação de Publicações, 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11.ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

FERRAZ, M. Heloísa C.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F de Resende. **Metodologia do ensino de arte**, 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LÜCKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986. 99 p.